



**Estou me contaminando com as *peraltices* das crianças...
A Educação Infantil como território de inspiração
de um corpo poético**

Fernanda Ferreira de Oliveira^[1]

RESUMO: O presente ensaio se propõe apresentar algumas reflexões e experiências corporais de crianças pequenas da Educação Infantil. Nesse contexto, vislumbramos a potência dos movimentos infantis de forma poética e tal postura transborda a dimensão formativa de professoras/es e pesquisadoras/es da pequena infância. As criações corporais das/os pequenas/os são atravessadas de brincadeiras e, quando rodeadas de “restos” e objetos não convencionais, encantam os espaços e tempos da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças Pequenas. Educação Infantil. Corpo.

**I am contaminating myself with the *peraltices* of children ...
Early Childhood Education as an inspiring territory
for a poetic body**

ABSTRACT: This essay aims to present some reflections and body experiences of young children in Early Childhood Education. In this context, we see the power of children's movements in a poetic way and this attitude overflows the formative dimension of teachers and researchers of small childhood. The bodily creations of the little ones are crossed by games and when surrounded by “remains” and unconventional objects they enchant the spaces and times of Early Childhood Education.

KEYWORDS: Children. Early Childhood Education. Body.

As experiências corporais das crianças pequenas são poéticas que transbordam as dimensões formativas das/os docentes na Educação Infantil, o que possibilita refletir sobre o processo criativo na relação entre professoras/es e as meninas pequenas e os meninos pequenos nesses espaços. Tal provocação, sendo professora de crianças pequenas, me leva ao estado de encantamento, ou seja, fico seduzida pelas criações das crianças pequenas e o seus apegos pelos “restos”, e motivada pelo processo benjaminiano de criação.

As crianças têm interesse pelos retalhos, cacos e pedaços, as quais “[...] reconhecem nos restos o rosto que o mundo das coisas lhes mostra [...]” (BENJAMIN, 1992, p. 46).



Elas conseguem poetizar as cinzas, as sobras, os ciscos e o substrato dos fragmentos.

Ao nos despertarmos a construir um olhar particular para a infância, as crianças tornam-se referências capazes de nos atrair a um estado de estética e solicitude, principalmente no que diz respeito ao movimento, que acorda e faz pensar nos corpos e nas experiências entre elas, e do processo de produção das culturas infantis.

A corporeidade criativa, a arte e outras formas singulares de manifestações foram afugentadas pela sociedade industrial, foram historicamente abandonadas em volta do conhecimento sensitivo. E arrebatadamente as crianças são capazes de colocar tal situação à prova, tornando vivo, em suas brincadeiras e criações: engenhocas, narrativas, desenhos, pinturas, dramatizações, danças, cantinhos de segredos, manifestações expressivas complexas, desafios corporais, notabilizando ricos processos de apropriação e invenção.

As manifestações brincalhonas e inventivas que atravessam os corpos das crianças em espaços da Educação Infantil provocam as/os professoras/es a ponto de tornarem-se inspirações no seu próprio processo criativo.

Essas expressões brincantes corporais que acontecem nos espaços da Educação Infantil tem sido meu mote de observação como professora-pesquisadora há 15 anos. E compreender essas relações construídas nesses espaços/tempos é de fundamental importância, porque pensar nas possibilidades de uma formação que priorize a sensibilidade, a percepção e a expressão como forma de constituição do humano é pensar numa educação que nos ensine a entender o que sentimos físico e emocionalmente, e não apenas isso, mas é necessário comunicá-lo também.

Os corpos dentro dos espaços da Educação Infantil concretizam a construção do conhecimento nas formas de se expressarem, sentirem, tocarem, relacionar-se com o outro e produzir uma postura diante do mundo, ou seja, incorporam de forma integrada o sensível e o inteligível.

As poéticas e devaneios presentes nas invenções das crianças e o gosto pelas transformações das coisas, tecendo diferente saberes para si e para o outro a fantasia apresenta possibilidade a existência concreta.

Os Espaços da Educação Infantil como território inspirador



Aprender a estar nos espaços da Educação Infantil é construir um olhar mais sensível e receptivo para vislumbrar um território de experimentação, exploração e educação de bebês e crianças pequenas/pequenininhas em que as diversas sensações se encontram num ambiente é rico de conhecimentos.

Pensar nesse espaço é compreendê-lo como lugar propiciador para que as crianças possam produzir as culturas infantis que se caracterizam como processo de interação e socialização das relações infantis, e que não só reproduzem as manifestações e representações do mundo adulto, mas elaboram e produzem culturas a partir dessas relações, constituindo assim o conjunto de elementos culturais das crianças (FARIA 2005, PRADO, 2009).

A Educação infantil é um ambiente provocador da possibilidade do agir tanto para si mesmo como para o outro, construindo o significado da autonomia, e organizando os espaços/tempos. Assim “[...] o espaço, nesse sentido, pode igualmente proporcionar à criança as múltiplas formas de expressão pelos usos de linguagens e suas formas de criação [...]” (AMBROGI, 2011, p.65).

A movimentação corporal das crianças implica em arranjos nos espaços que possibilitem suas diferentes formas de expressões de ser e estar no mundo e no jogo da vida:

Esse jogo e suas formas de expressão que se vinculam com a brincadeira, o que pode ser traduzido como a busca pela livre expressão, pela possibilidade de testar sem compromisso com resultado, cujo horizonte é ilimitado de possibilidades. Essa liberdade de experimentação é um aspecto almejado pelos grandes artistas, que buscam novas composições, muita vezes apoiados na liberdade observada nas crianças em seu jogo e em suas brincadeiras, expressões da criação livre das certezas (AMBROGI,2011).

Pensar esse território de invencionices em que, “[...] a proposta é, como se vê, sair das vestes rígidas de um dia a dia rotineiro, e transbordar no cotidiano de uma escola que contemplem as crianças, suas culturas e suas criações” (GOBBI, 2007, p. 65). É um espaço/tempo de convite à exploração-movimento, e que para as crianças podem representar distintas atmosferas que se revelam: [...] “o espaço-alegria, espaço-medo, espaço-proteção, o espaço mistério, espaço-descoberta [...]” (LIMA, 1989, p.30), espaço emoção, um território onde existem espaços paralelos que estão na dimensão do sonhar e devanear. E refletir sobre duplicidade educativa do lugar, no currículo e na subjetividade do sujeito, é compreender o que nos afeta e o que resulta desse, ou seja, o que a gente sente.



Benjamin (2009, p.58), ao dizer que, “[...] as crianças formam seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande [...]” também trabalha com a dimensão da duplicidade do espaço, na potência do micro no macro que revela a capacidade imaginativa das/dos pequenas/os.

Esses espaços promotores de ações de liberdade revelam e potencializam a particularidades das crianças tornando possível o que Malaguzzi (1999, p.05) sugere em seu poema “Ao contrário, as cem existem”, em que os espaços institucionais impulsionam as expressões das crianças enriquecendo as formas como se organizam, exploram e criam as suas cem linguagens. Esses pontos incidem nas experiências de processos inteiros, sem a segmentação e a parcialização do conhecimento.

Faria (2003) ressalta o espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil, que nos remete a pensar sobre a importância de nutrir nas crianças vivências significativas capazes de tocar, mexer e sensibilizar professoras/es.

Corpos e peraltices

Cena 1) Caçadores de Cigarra



Figura 1: Cigarra na mão; Fonte: acervo da autora



Figura 2: Segura a Cigarra; Fonte: acervo da autora

Uma agitação nas crianças, um corre-corre (des)ordenado, alguns gritos assustadores, gargalhadas.

“Achei uma cigarra, vou colocar tudo num potinho!” (corpo agachado no chão coletando cigarras nos buracos).

“Prô, estão correndo com a cigarra atrás de mim. E eu grito!” (risadas).

“A gente tá brincando que a cigarra é um broche que cola na roupa!”

“Olha eu fiz uma coroa de cigarra!”



“Sabe como a gente assusta, cola a cigarra nas costas!”

“Vamos subir na árvore tem um montão de cigarra lá!”

Cena 2) Posturas Corporais



Figura 3 Postura; Fonte: acervo da autora



Figura 5 Posturas; Fonte: acervo da autora

Era uma atividade no chão, um grande papel pardo estendido e objetos variados para explorar.

Cada criança reage de uma maneira, escolhe a melhor postura e direção corporal que possibilite sua exploração.

São corpos espontâneos que buscam posições favoráveis. Corpos que buscam o conforto, as tensões e os relaxamentos.

Ocorre uma oxigenação corporal para criar, mas também acontecem os encontros corporais que procuram espaços entre um corpo e outro. Esse cuidado é calculado por elas minuciosamente, os esbarrões são inevitáveis assim como o contato pele a pele.

Utilizam-se das “dobradiças” corporais para se mexerem e constituírem o lugar de criação. Musculaturas e osso trabalham apoiando o processo de produção.

Cena 3) Pés em folhas secas



Figura 6 Pés e folhas; acervo da autora



Figura 7 Pés e folhas; acervo da autora

O cenário de folhas sobre o tecido no chão provocam as crianças.



O pinicar, o barulho, o cheiro e o craquelê das folhas são motivações para o pula-pula e o corre-corre das crianças.

E experimentar avança em sentido ao rolar sobre as folhas e o fazer chuvas delas.

Mas...

Alguns querem brincar de colocar as folhas dentro das roupas, não só sua, mas a do outro também e se cria um jogo de “fugir” daquele que quer por folhas em sua roupa. As folhas beliscam a pele e fazem cócegas são sensações divertidas e gostosas.

Alguns também acham graça e encher o cabelo de si e do outro de folhas. Crianças arteiras e levadas.

Cena 4) Remanescentes da Natureza



Figura 8: Sentir; Fonte: acervo da autora

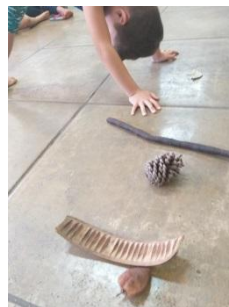


Figura 9: Sentir; Fonte: acervo da autora

Era uma proposta de dança e natureza, e especificamente da natureza remanescente.

Experimentações era o mote das ações. Compor com o objeto da natureza por meio do brincar, improvisar e dançar. O espaço corpo e o espaço fora do corpo produziam desenhos e geometrias curiosas.

O sentir dos remanescentes no corpo se constrói fundamental nesse processo, porque esses colaboram no caminho investigativo e nas possibilidades de criar e improvisar dança a partir daquele material pelas crianças.

Como a proposta era estar em relação do material remanescente sua superfície possibilita uma diversidade de sensações (áspera, lisa, ondulatória), e o corpo que sente, explorando e cria formas.

Essa oficina de dança e natureza se estruturou em aspectos de exploração de planos, espaços, pesos, articulações, resistência, apoios, oposições, eixo global com enfoque na improvisação e criação da dança de cada criança, singular e única. Sendo assim,



cada criança no seu tempo ampliou seu estudo entre o objeto e o corpo demonstrando uma riqueza de expressividade e emoções.

Considerações finais

Os corpos e os fazeres das crianças são provocativos as/os professoras/es, e para compreender essas provocações é necessário trabalhar com a escuta das falas dos interesses que as crianças apresentam, que necessariamente não aparece apenas verbalmente.

No convívio com as crianças fica evidente que o corpo é o principal dispositivo para o conhecimento do meio, de si e do outro.

Nesta perspectiva, reconhecemos que a formação docente reflete diretamente na formação das crianças, pois ao pensar a sua própria prática modifica totalmente o cotidiano infantil, e se produz aberto a fazer-se e desfazer-se continuamente, já que se reconhece e reconhece no outro não como sujeito pronto e acabado, mas sempre em construção. É um processo que encoraja as crianças a perceber a si, os outros, suas ações e espaço ao seu redor.

Referências

AMBROGI, I. H. Reflexões sobre o uso do espaço como garantia para a criação de meninos e meninas pequenas. Campinas: **Pró-Posições**, UNICAMP, v. 22 n. 2, p.63-73, maio/ago, 2011.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Magia e Técnica, Arte e Política. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

_____. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 2009.

FARIA, A. L. G. Apresentação. In: FARIA, A. L. G.; Mello, S. A. (org.). **Territórios da Infância**: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas. 2 ed. Araraquara, SP, 2009, p. 11-15.

_____. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia infantil. In: FARIA A. L. G.; PALHARES, M. (org.). **Educação infantil pós – LDB**: rumos e desafios. Campinas: Autores Associados, 4ª Ed., 2003, p. 67-100.

GOBBI, M. A. Ver com olhos livres: Arte e educação na primeira infância. In: Faria A. L. G. (org.). **Coletivo Infantil em Creches e Pré-escolas**: Falares e saberes. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA, M. S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.



MALAGUZZI, I. Ao contrário, as cem existem. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**. A abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 5.

PRADO, P. D. Quer Brincar Comigo? Pesquisa, Brincadeiras e Educação Infantil. In: Faria A. L. G.; DEMARTINI, Z. B.; Prado, P. D (org.). **Por uma Cultura da Infância: Metodologia de pesquisa com crianças**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

Recebido em: 30/06/2020

Aceito em: 30/07/2020

^[1] Professora de Educação Infantil na rede Pública de Educação de Piracicaba, pedagoga, mestra e doutoranda em educação na UNIMEP. Bailarina, professora e pesquisadora de dança.